

Biblioteconomia Social nas produções científicas nacionais: uma abordagem na indexação com a utilização dos termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia

Marcelo de Souza Lobo¹

Valéria Martin Valls²

Resumo: As produções científicas do campo da Biblioteconomia nas últimas décadas que abordam a temática da Biblioteconomia Social têm se utilizado de novas terminologias qualificadoras como Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia, nos processos de indexação para designar uma nova percepção de atuação da área. Essas produções constituem o foco deste artigo cujo objetivo é identificar e mapear a produção científica nacional indexada em diferentes bases de dados, que utilizaram de novas terminologias para designar uma abordagem social para a Biblioteconomia. Para tanto, adotou-se a pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e quantitativa, em que se apresenta um breve panorama histórico e conceitual dos termos Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia e um levantamento bibliométrico em fontes de base de dados de periódicos científicos nacionais, de publicações entre os anos de 2008 a 2021. Desse modo, observou-se um número crescente de publicações científicas que se utilizem de novos termos para designar uma abordagem social para a Biblioteconomia. Verificou-se que as produções científicas que tratam da temática da responsabilidade social e o papel das bibliotecas no mundo contemporâneo estão apropriando-se de nova terminologia como indexadores de suas pesquisas, demonstrando mudança de postura de atuação de profissionais e do campo da Biblioteconomia.

Palavras-chave: Biblioteconomia; Biblioteconomia Social; Biblioteconomia Progressista; Nova Biblioteconomia; Epistemologia.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia ao longo de sua história constituiu-se como um campo científico a partir de suas práticas destinadas ao armazenamento, organização e recuperação da informação, de modo a representar simbolicamente a produção do conhecimento humano. Essa concepção caracterizou-se por estabelecer um paradigma da Biblioteconomia de caráter tecnicista e conservador, em que sua atuação fora configurada e delimitada por meio dos

¹ Graduação em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FaBCI/FESPSP). E-mail: marcelo7lobos@gmail.com

² Doutorado e Mestrado em Ciências da Comunicação e Graduação em Biblioteconomia e Documentação pela ECA/USP, além de extensão universitária em Docência pela FGV e Aperfeiçoamento em Tecnologia na Educação, Ensino Híbrido e Inovação Pedagógica pela Universidade Federal do Ceará. Coordenadora acadêmica e docente do curso de graduação em Biblioteconomia e Docente de pós-graduação da área de Ciência da Informação da FaBCI/FESPSP (Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo FaBCI/FESPSP). E-mail: valls@fespsp.org.br

processos técnicos da organização e conservação do conhecimento. Estabeleceu-se, dessa forma, uma percepção hegemônica da Biblioteconomia desvinculada de uma postura social que centralizasse o papel das bibliotecas como instituições sociais, cujo objetivo principal de sua práxis focalizasse as pessoas e suas necessidades informacionais dentro de um contexto social e histórico. Contudo, recentes práticas de bibliotecas e produções científicas da Biblioteconomia, ao adotar uma postura de maior responsabilidade social em relação às comunidades, apontam para uma mudança na concepção dessa percepção hegemônica.

A Biblioteconomia Social, por exemplo, caracteriza-se como um desses termos que designa uma Biblioteconomia comprometida socialmente, que, aliás, já vem sendo utilizada em produções científicas de modo a contribuir para uma mudança dessa concepção tradicional. Além disso, observa-se mais recentemente, nessas produções científicas, a presença dos termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia como terminologias para designar uma outra concepção do campo da Biblioteconomia e outras práticas de atuação profissional. Nesse sentido, as pesquisas de Lindemann (2014), Lankes (2016), Ferreira (2018), Moraes (2018) e Tanus e Silva (2019), corroboram com esse aspecto e ressaltam a importância de conceber a Biblioteconomia com um campo científico comprometido socialmente, de modo a possibilitar que seus profissionais atuem como agentes facilitadores de transformação social.

A partir desse breve panorama, estabeleceu-se como objetivo desta pesquisa verificar se as produções científicas nacionais que abordam a temática da Biblioteconomia Social, utilizam na representação temática os indexadores Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia e se essa utilização contribui para uma nova percepção do campo e da atuação dos profissionais. Desse modo, dividiu-se o desenvolvimento da pesquisa em duas etapas: apresentação de um breve panorama histórico e conceitual dos termos Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia, e mapeamento e análise do conteúdo das produções científicas levantadas na pesquisa para aferir sua conformidade com os conceitos dos termos utilizados para a sua indexação, de modo a contribuir para a nova percepção teórica e de atuação para o campo da Biblioteconomia.

Para o desenvolvimento desta pesquisa optou-se pela abordagem qualitativa e quantitativa, adotando o aspecto bibliográfico como delineamento da pesquisa, de forma a proporcionar maior entendimento e embasamento teórico sobre o tema que, conforme

Lakatos e Marconi (2007, p. 185), “[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses [...]” e tem por finalidade proporcionar ao pesquisador um contato direto com toda a produção já elaborada sobre determinado assunto.

Nessa primeira etapa, apresentou-se um breve panorama histórico e abordou os conceitos dos termos Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia. Para isso, realizou-se um levantamento de referências teóricas, utilizando as palavras-chaves “Biblioteconomia Social”, “Biblioteconomia Progressista” e “Nova Biblioteconomia” como descritores utilizados para indexação de conteúdo voltado para a temática da Biblioteconomia Social. Para este levantamento bibliográfico utilizou-se as seguintes bases de periódicos: Portal de Periódicos CAPES, BRAPCI (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), Repositório FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários). Além disso, utilizou-se o mecanismo de busca *Google Acadêmico*, assim como consultou-se às referências citadas nos textos das produções científicas selecionadas para a composição da pesquisa.

Na segunda etapa, efetuou-se o mapeamento bibliométrico e análise temática das produções científicas indexadas com os termos “Biblioteconomia Progressista” e “Nova Biblioteconomia”. Para a realização do mapeamento bibliométrico, consultou-se as seguintes bases de dados: BRAPCI (Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) e o Repositório FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários). Estabeleceu-se um recorte temporal de produções publicadas no período entre 2008 a 2021. Adotou-se o ano de 2008 como início desse recorte temporal, devido ao lançamento, neste mesmo ano, do *Manifiesto del colectivo de docentes de Información y Documentación por el compromiso social*.

Após esse mapeamento das produções científicas, realizou-se a análise temática, por meio de leitura do conteúdo apresentado, bem como a verificação da presença dos termos utilizados para o mapeamento, nos elementos pré-textuais: Título, Resumo e Palavras-chave. Desse modo, apresentou-se uma síntese de cada uma das produções selecionadas e, em seguida, apresentou-se a quantidade de produções recuperadas, bem como a frequência da presença dos termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia nos elementos pré-textuais selecionados para a pesquisa. A totalidade das palavras-chave verificadas nas produções selecionadas foram exibidas através de gráfico, em que se destacou as palavras-

chave que apresentaram uma incidência igual ou acima de dois nas produções selecionadas. Ademais, estas palavras-chave foram representadas por meio da figura de nuvem de palavras, geradas pelo *software WordArt*, de modo a permitir notar com maior evidência as palavras-chave mais utilizadas pelos pesquisadores como modo de representar o assunto tratado em suas produções científicas. Por fim, apresentou-se as considerações finais da pesquisa.

2 BREVE PANORAMA CONCEITUAL DOS TERMOS

Discorre-se ao longo desse breve referencial teórico algumas conceituações delineadas por autores que utilizaram os termos: Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia em suas pesquisas. Além disso, apresenta-se de modo sucinto, a compreensão descrita por Jesse Shera, sobre a Epistemologia Social como uma disciplina da área, de modo a retomar uma dimensão social para os fundamentos da Biblioteconomia.

2.1 BIBLIOTECONOMIA SOCIAL

O termo Biblioteconomia, segundo Tanus (2016), foi consolidado, em 1839, na obra de livreiro germano-francês Leopold Auguste Constantin Hesse, que utilizou o termo no título do livro: *Bibliothéconomie: inscriptions sur l'arrangement, la conservation et l'administration des bibliothèques*. Contudo, como destaca a autora, o termo já havia sido utilizado, dois séculos antes, pelo bibliotecário Gabriel Naudé. Para Russo (2010), um dos primeiros conceitos a respeito da Biblioteconomia foi criado pela *American Library Association* (ALA), que a definiu como uma “[...] área voltada para a aplicação prática de princípios e normas à criação, organização e administração de bibliotecas” (RUSSO, 2010, p. 47). Targino (1995), refere-se a Biblioteconomia como uma área que se destina ao exercício técnico a administrativo; sendo o primeiro, relacionado ao processamento técnico da informação, ocupando-se com a seleção, aquisição, catalogação, classificação e ordenamentos das obras do acervo; e, o segundo relacionado à organização e gerenciamento dos recursos físicos, humanos e financeiros, além dos regulamentos de uma biblioteca.

“A Biblioteconomia compete a organização e administração das bibliotecas em suas diversidades, além da seleção, aquisição, organização e disseminação de publicações primárias sob diferentes suportes físicos” (TARGINO, 1995, p. 13-14).

Numa concepção etimológica do termo Biblioteconomia, Souza (2001) destaca o caráter amplo desse vocábulo, através de seu processo de composição:

[...] o termo biblioteconomia é uma composição cuja origem etimológica vem de *Biblio* (= livro ou informação) + *thèque* (= caixa, estante ou ambiente da informação) + *nomos* (= regras, princípios de organização), tem-se que Biblioteconomia é um termo de grande abrangência (SOUZA, 2001, p. 4).

Para Tanus (2016), a Biblioteconomia é vista como um campo científico, sendo este compreendido como ações que são fundamentadas “[...] com base em saberes críticos e teóricos, aliando, assim, em um mesmo espaço tanto a teoria quanto a prática” (TANUS, 2016, p. 16). A noção de campo é abordada pelo sociólogo Pierre Bourdieu, como um espaço social em que os agentes e instituições produzem e reproduzem a ciência. Para o autor, a noção de campo pode ser entendida como “[...] o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece a leis sociais mais ou menos específicas” (BOURDIEU, 2004, p. 20).

Com isso, compreende-se a noção de campo como modo de designar esse espaço social, de certo modo autônomo, dotado de suas próprias leis internas em seu microcosmo, mas que também, é submetido ao macrocosmo das leis sociais que, aliás, não são as mesmas. Além disso, o autor acrescenta que esse campo social é marcado por um campo de forças e embates entre os seus agentes, que intencionam transformar esse campo de forças, levando a sua conservação ou transformação. Nessa direção, a Biblioteconomia, segundo Tanus (2016) é vista como um espaço de luta concorrencial, com suas estratégias e demarcações de poder

no qual é marcado tanto por pressões externas, do macrocosmo quanto do microcosmo. As influências externas demonstram que o campo da Biblioteconomia não está isolado de um tempo e espaço social, acompanha em certa medida as transformações e as necessidades do contexto em que se insere, e reage de modo, particularmente, autônomo a essas mudanças (TANUS, 2016, p. 16).

Diante do exposto sobre o termo Biblioteconomia dos autores citados, pode-se destacá-lo como um campo científico, que se constitui em um conjunto de operações de gerenciamento de espaços físicos instituídos socialmente e de processos técnicos e princípios

de organização e preservação dos registros do conhecimento, que, por sua vez, sofrem influências externas de seu contexto social e histórico. Nessa perspectiva, Tanus (2016, 2021), atenta para a importância de compreender a Biblioteconomia como um campo científico das Ciências Sociais e Humanas, pois para que o bibliotecário atue como um agente de transformação social é necessário entender os comportamentos e necessidades da sociedade. Para isso, recorre-se ao entendimento das relações entre os indivíduos e sua cultura, como os objetos de estudo característicos das Ciências Humanas.

Esclarece-se que, a Biblioteconomia como Ciência Social tem no seu escopo o conhecimento da realidade e participação no processo de interpretação, construção e intervenção dessa realidade, objetivando explicar os fenômenos humanos e sociais. As ações humanas e sociais, individuais e sociais, estabelecem uma dupla fundação, entre fundante e fundação, pois a instituição da ação é também condição social, possibilitada pela sociedade (TANUS, 2016, p. 26).

Assim, percebe-se que a Biblioteconomia, enquanto um campo científico que apresenta discursos voltados para uma vertente mais humana, social e democrática, confere ao profissional bibliotecário um preponderante papel social, na medida em que tenha como ponto central a conscientização e o comprometido com as demandas e necessidades da sociedade ao desempenhar o trabalho técnico biblioteconômico.

Para Lindemann (2016), a dissensão ocorrida dentro da Biblioteconomia separou-se de um lado uma Biblioteconomia de caráter tecnicista, e de outro, uma Biblioteconomia de “[...] tradição humanista, pragmática, a qual o bibliotecário tem relação erudita e filosófica no desempenho de suas atividades e grande crítico cultural, tornando o seu usuário como o centro de tudo, ou seja, uma Biblioteconomia Social” (LINDEMANN, 2016, p. 44).

Nesse sentido, Lindemann, Spudeit e Corrêa (2016) apontam para o fato de a Biblioteconomia Social significar uma interação entre bibliotecas e sociedade, na medida em que se reconhece que a existência de bibliotecas só é possível onde há uma sociedade. “É por isso que a sociedade como um objeto de pesquisa sociológica, é o tema de estudo de muitas disciplinas sociais e humanistas, e a Biblioteconomia como ciência social, não é uma exceção a este respeito” (LINDEMANN; SPUDEIT; CORRÊA, 2016, p. 712).

Seguindo nesta mesma direção, Lindemann (2014, p. 13) enfatiza este caráter de interação entre o fazer técnico e social da área, que possibilitou “[...] conceber o que intitulamos de Biblioteconomia Social, lembrando que dentro da contemporaneidade, talvez

seja preciso idealizar a técnica bibliotecária mencionando também a responsabilidade social que a cerca".

Observa-se, nessa afirmação, a importância empreendida à atividade desenvolvida pelo profissional bibliotecário em conformidade com questões que estejam relacionadas com a sociedade, seus desejos e necessidades informacionais.

Nessa visão, uma discussão a respeito da importância de uma emergência da Biblioteconomia Social não se condiciona apenas no campo teórico, mas, sobretudo deve estar concretizado nas práticas e ações realizadas por bibliotecários e dos demais profissionais que compõe a equipe de trabalho de uma biblioteca. Isso indica, “[...] que o discurso precisa ser substituído pela ação, ou seja, mais praticidade é uma estratégia para garantir a expansão das práticas bibliotecárias para além das paredes das instituições” (SANTA ANNA, 2018, p. 20). De modo, a melhor elucidar o aspecto social no campo da Biblioteconomia, aborda-se, a seguir, o entendimento da Epistemologia Social como uma disciplina que se caracteriza como um modelo de conhecimento que se constitui através da interação com a esfera social.

2.1.1 Epistemologia Social como disciplina da Biblioteconomia

Como o entendimento e a compreensão do termo Biblioteconomia pode assumir múltiplas concepções, sendo abordado pelos autores de acordo com seus momentos históricos e a relação que estabelecem com o seu contexto social, pode-se verificar, sobretudo, com os estudos empreendidos por Jesse Shera, uma mudança na postura de uma compreensão que fosse além do modelo tradicional de Biblioteconomia, alicerçado no paradigma do tecnicismo e conservadorismo.

Shera (1977) retoma uma dimensão social para os fundamentos da Biblioteconomia, fundamentada numa nova disciplina da comunicação, a “Epistemologia Social”. Por epistemologia, Alfaro-Lopez (2010) define, em sua origem, como uma das principais vertentes da Filosofia, ou seja, um ramo da Filosofia que se baseia na reflexão do conhecimento científico, sua natureza, etapas e limites.

Quanto à origem do termo “Epistemologia Social”, Lamar (2007), destaca a afirmação de Jesse Shera de que este termo já era usado pela bibliotecária norte-americana,

Margaret Egan, também professora e participante do movimento da Escola de Chicago³. Entretanto, de acordo com Pressley (2006), esse termo foi mencionado pela primeira vez, num artigo de Shera e Egan, publicado em 1952 no periódico *Library Quarterly*. “Foi nesse contexto, em 1952, que Jesse Shera e Margaret Egan escreveram ‘Foundations of a Theory of Bibliography’, em que descrevem a epistemologia social⁴” (PRESSLEY, 2006, p. 5, tradução nossa). Vieira e Karpinski (2019), compreendem que dado o falecimento de Egan, antes da publicação da teoria da Epistemologia Social, a comunidade científica atribuiu o crédito somente a Jesse Shera.

Sendo assim, entende-se que houve um consenso de ambos os pesquisadores no que tange às publicações sobre a Epistemologia Social, no qual o objetivo seria o de ‘driblar’ a barreira sexista da comunidade científica da década de 1960 e 1970, para conseguir a efetiva publicação da teoria (VIEIRA; KARPINSKI, 2019, p. 8).

Para Shera (1977), o modo como o conhecimento humano se desenvolveu e tem crescido ao longo do tempo, propiciou diversos estudos que investigaram sua fragmentação e, por consequência, a especialização do conhecimento. Contudo, a maneira como esse conhecimento é coordenado e integrado, numa organização complexa, como uma sociedade, não tinha sido objeto de estudo da área, até então. Por isso, uma nova disciplina que fornecesse uma estrutura para se investigar os meios pelos quais a sociedade compreenderia os mecanismos que agem sobre ela. Como afirma Shera (1977),

O foco desta nova disciplina seria sobre a produção, fluxo, integração, e consumo de todas as formas de pensamento comunicado através de todo o modelo social. De tal disciplina poderia emergir um novo corpo de conhecimento e uma nova síntese da interação entre conhecimento e atividade social (SHERA, 1977, p. 11).

Nesse sentido, a Epistemologia Social não estaria relacionada somente a uma função teórica, fechada em seus processos internos, debruçada sobre os conceitos de seu campo científico, mas um modelo de conhecimento que se construiria através da interação com o meio social. Dessa forma, também desempenharia uma função prática, de modo a contribuir para um modelo de Biblioteconomia que fosse mais democrático, no sentido de construir o

³ “A Escola de Chicago se refere a um grupo de pesquisadores dispostos a refletir teórica e epistemologicamente a área de Biblioteconomia constituída, de maneira informal, por volta das décadas de 1920 e 1930” (VIEIRA; KARPINSKI, 2019, p. 3).

⁴ “It was in this environment, in 1952, that Jesse Shera and Margaret Egan wrote ‘Foundations of a Theory of Bibliography’ in which they described social epistemology” (PRESSLEY, 2006, p. 5).

conhecimento conjuntamente com a esfera social, conforme afirma Shera (1977, p. 11), “[...] embora a epistemologia social venha a ter seu próprio ‘corpus’ de conhecimento teórico, será, também, uma disciplina muito prática”. Assim, a compreensão dos processos que constituem o conhecimento humano não pode ser entendida sem considerarmos seu contexto social, histórico e cultural.

A partir desse entendimento, observa-se que a Epistemologia Social associada à Biblioteconomia estabelecerá uma fundamentação teórica que trouxesse maior respaldo às práticas desenvolvidas pelos profissionais bibliotecários cuja finalidade resultasse na promoção de informação e conhecimento direcionado aos interesses sociais.

Do mesmo modo, Capurro (2003) ao discorrer sobre o paradigma social, como um dos três paradigmas epistemológicos⁵ da Ciência da Informação, salienta para a importância de considerar a informação vinculada ao contexto social no qual estão inseridos os usuários em suas comunidades. Considerar a informação como separado do usuário ou conceber este usuário um sujeito isolado, desconsiderando os condicionamentos sociais e materiais que o cercam, é reduzir os processos de informação que podem levar a construção de conhecimento. O autor afirma que

Informação não é algo que comunicam duas cápsulas cognitivas com base em um sistema tecnológico, visto que todo sistema de informação está destinado a sustentar a produção, coleta, organização, interpretação, armazenamento, recuperação, disseminação, transformação e uso de conhecimentos e deveria ser concebido no marco de um grupo social concreto e para áreas determinadas. Só tem sentido falar de um conhecimento como informativo em relação a um pressuposto conhecido e compartilhado com outros, com respeito ao qual a informação pode ter o caráter de ser nova e relevante para um grupo ou para um indivíduo (CAPURRO, 2003, online).

Sendo assim, Capurro (2003), comenta que em um sistema de informação os dados registrados são concebidos como uma oferta para um usuário que exerça um papel ativo em seu contexto social, de modo a permitir interpretar esses dados transformando-os em informação e conhecimento. Desse modo, assim como a Epistemologia Social procura estabelecer um modelo de conhecimento que se constitui por meio da compreensão e interação com a esfera social. O paradigma social tratado por Capurro também compreende que não se pode tratar dos assuntos referentes à Ciência da Informação, sem considerar os indivíduos inseridos em seus contextos sociais e culturais.

⁵ Em “Epistemologia e Ciência da Informação”, Capurro (2003), aborda sobre os três paradigmas epistemológicos da Ciência da Informação, sendo estes: paradigma físico, cognitivo e social.

2.2 BIBLIOTECONOMIA PROGRESSISTA

Ao discorrer sobre a Biblioteconomia Progressista como forma de se compreender melhor as ciências do livro e da informação, considerando o seu comprometimento com questões sociais, Civallero (2013), pontua que os profissionais que aderiram a este tipo de concepção em suas práticas profissionais, exerceram no desenvolvimento de suas atividades uma análise de maneira crítica da realidade. Isso lhes permitiu detectar e identificar problemas sociais, econômicos, políticos, culturais e éticos de todo o tipo. Esse contato, possibilitou que assumissem posições concretas em relação a essas questões, comprometendo-se socialmente na defesa de uma sociedade mais justa. Ao analisar o surgimento e a utilização do termo Biblioteconomia Progressista, Civallero (2003), destaca que

O termo “biblioteconomia progressiva”¹, uma tradução direta do inglês *progressive librarianship*, tem quase um século de história. Surgida nos Estados Unidos no final da década de 30 do século passado² como uma aplicação direta das ideias do progressismo norte-americano no campo das ciências da informação da época, a biblioteconomia progressiva (BP) se configurou e se desenvolveu como uma corrente de pensamento e ação dentro do coletivo bibliotecário, herdeiros, por sua vez, de outras correntes, movimentos e escolas que remontam, pelo menos, ao século XVII⁶ (CIVALLERO, 2013, p. 156, tradução nossa).

Essa forma de pensar, de se comprometer e de atuar socialmente de uma Biblioteconomia dita progressista não passou despercebida. Uma atitude mais reflexiva, questionadora e colaborativa começou a emergir desses profissionais “[...] com consciência social, críticos, rebeldes e inconformistas⁷ [...]” (CIVALLERO, 2013, p. 157, tradução nossa), que haviam posto de lado suas posições tradicionais da profissão e colocado uma questão sobre o consenso geral dos limites do fazer bibliotecário. Nas décadas de 1980 e 1990, o compromisso de emancipação e de justiça social, que os simpatizantes de uma Biblioteconomia, com visão progressista haviam defendido, alimentaram uma corrente mais ampla, batizada de “Biblioteconomia Social”. Em meados de 1970 e 2000, essa concepção de

⁶ “El término “bibliotecología progresista”, traducción directa del inglés *progressive librarianship*, tiene casi un siglo de historia. Surgida en Estados Unidos a finales de los años 30’ del siglo pasado² como una aplicación directa de las ideas del progresismo norteamericano al campo de las ciencias de la información de la época, la bibliotecología progresista (BP) se configuró y desarrolló como una corriente de pensamiento y acción dentro del colectivo bibliotecario, heredera a su vez de otras corrientes, movimientos y escuelas que pueden rastrearse al menos hasta el siglo XVII” (CIVALLERO, 2013, p. 156).

⁷ “[...] con conciencia social, críticos, rebeldes e inconformistas [...]” (CIVALLERO, 2013, p. 157).

uma Biblioteconomia com uma perspectiva social foi expandida, alcançando países da América Latina, Europa, Ásia e Oceania, em que por meio de outras denominações e nomenclaturas, observou-se o desenvolvimento de reflexões e práticas com características similares às pensadas pelo progressismo norte-americano. A integração de novos movimentos atualizou e se apropriou de alguns aspectos concretos que haviam sido abordados pelos autores da Biblioteconomia Progressista. Assim, apareceram outras denominações com essa concepção social, como:

[...] a “biblioteconomia socialmente responsável”, a “biblioteconomia ativista”, a “biblioteconomia militante”, a “biblioteconomia radical”, a “biblioteconomia anarquista”, a “biblioteconomia feminista”, a “ética da informação” e a “biblioteconomia crítica”, entre outras muitas. [...] Na verdade, na maioria dos casos, esses movimentos foram inspirados por posições expressa e sustentada por autores, profissionais e ativistas sociais da BP desde pelo menos 1960; tomando tal elementos como base, eles desenvolveram seu próprio projeto⁸ (CIVALLERO, 2013, p. 157, tradução nossa).

A partir desse movimento em prol de uma Biblioteconomia com características de atuação mais social, outras designações foram utilizadas, como a utilização da nomenclatura Biblioteconomia Progressista. As defesas de concepção de uma Biblioteconomia progressista, contrapondo-se a uma visão conservadora da área, tiveram espaços e iniciaram a constituição de uma corrente teórica que se aproximava das ideias presentes em Movimentos Organizados de resistências contra governos autoritários em vários países da América Latina, da Igreja progressista, da Teologia da Libertação, entre outras (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 138).

Um evento importante para o estabelecimento desse outro olhar foi o lançamento, em 2008, do *Manifiesto del colectivo de docentes de Información y Documentación por el compromiso social* (2008), assinados por docentes da Argentina, Bolívia, Colômbia, Espanha, México, Paraguai e Venezuela. Esse manifesto foi elaborado por professores de uma corrente denominada Biblioteconomia Progressista, que tinham como preocupação principal a importância de ressaltar nos currículos da área da Informação e Documentação, uma formação e sensibilidade, que estivessem relacionados à consciência e ao compromisso social e democrático de seus futuros profissionais.

⁸ “[...] la bibliotecología socialmente responsable”, la “bibliotecología activista”, la “bibliotecología militante”, la “bibliotecología radical”, la “bibliotecología anarquista”, la “bibliotecología feminista”, la “ética de la información” y la “bibliotecología crítica”, entre muchas otras. [...] En realidad, en la mayoría de los casos esos movimientos se inspiraron en posiciones expresadas y sostenidas por autores, profesionales y activistas sociales de la BP al menos desde 1960; tomando tales elementos como base, elaboraron su propio proyecto” (CIVALLERO, 2013, p. 157).

No cenário nacional, em especial no período de redemocratização, compreendido ao final da ditadura civil-militar (1964-1985), Tanus e Silva (2019) apontam para o início de uma discussão a respeito do caráter social e a importância de se distanciar de uma base tradicional, conservadora e tecnicista da Biblioteconomia. Em publicações de pesquisas em revistas de área, questionava-se uma prática excludente desses profissionais, que atribuíam como uma atividade fim a organização dos acervos, sem considerar uma discussão crítica dos processos, dos instrumentos e dos serviços oferecidos pelos profissionais bibliotecários, que, desta forma, estariam alheios ao seu meio social. Assim, presenciamos, nesse período, a aparição em produções acadêmicas de alguns termos que procuraram abarcar a temática de uma Biblioteconomia com características voltadas aos aspectos sociais e atentas a uma nova concepção de Biblioteconomia, e entre estes, encontra-se a designação Biblioteconomia Progressista.

Esse pensamento crítico pode ser encontrado nos escritos de Anna da Soledade Vieira (1983), Solange Puntel Mostafa (1985), Luiz Milanesi (1986), Francisco das Chagas de Souza (1993), Oswaldo Almeida Júnior (1997), entre diversos outros autores que publicaram nas antigas revistas de Biblioteconomia. [...] Esse outro olhar da Biblioteconomia conduz a diversas designações: Biblioteconomia Guerrilheira; Biblioteconomia Subversiva; Biblioteconomia Crítica; Biblioteconomia Social; Biblioteconomia Progressista, Biblioteconomia Alternativa e Biblioteconomia Política (Tanus e Silva, 2019, p. 5-6).

Diante desse cenário, pode-se observar uma concepção de Biblioteconomia Progressista que se identifica com demandas e necessidades das classes populares, na busca de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática. Portanto, como afirma Civallero (2013), “A biblioteconomia progressista pode ser definida como uma corrente de pensamento e ação que reivindica uma biblioteconomia crítica e comprometida socialmente, tanto na teoria como na prática”⁹ (CIVALLERO, 2013, p. 157, tradução nossa). Para melhor delinear o que se entende por progressista, recorreu-se a Pedagogia Progressista¹⁰ de tendência libertadora, pensada por Paulo Freire. Para esse educador, uma educação progressista está relacionada com a inserção crítica dos sujeitos na realidade. Sendo assim, somente uma educação que estivesse atenta às demandas e às questões sociais de sua realidade poderia, de

⁹ “La bibliotecología progresista puede definirse como una corriente de pensamiento y acción que reivindica una bibliotecología crítica y comprometida socialmente, tanto en la teoría como en la práctica” (CIVALLERO, 2013, p. 157).

¹⁰ “A Pedagogia Progressista de tendências libertadora e libertária tem em comum o antiautoritarismo, a valorização da experiência vivida como base da relação educativa e dão mais valor ao processo de aprendizagem grupal em detrimento do individual” (MORAES, 2018, p. 8).

fato, ser uma educação relevante, ou seja, uma educação que possibilitasse a transformação do seu meio social. E a base para a construção dessa educação era a formação crítica dos educandos, cujo processo educativo estaria baseado no diálogo. Nesse sentido, Freire (1995) salienta para a importância da concepção de um professor progressista, como aquele que constrói o conhecimento em conjunto com os educandos. Em *The Progressive Teacher*, ele aborda sobre as qualidades e virtudes que caracterizariam um professor progressista, a saber: a humildade, o amor em ensinar, o reconhecimento de que professor e aluno são sujeitos no processo de aprendizagem e a tolerância.

Observa-se, dessa forma, que uma educação que se pretenda ser progressista tem como um de seus aspectos principais a formação crítica dos estudantes. Da mesma forma, pode-se pensar em condições semelhantes a uma Biblioteconomia Progressista, a partir de como as características de uma educação progressista pode contribuir para a formação do bibliotecário progressista. Diante disso, a promoção de profissionais bibliotecários com uma formação com valores progressistas está fundamentada numa educação progressista. Desse modo, a formação de um bibliotecário progressista tende a levar para a realidade ações e práticas profissionais que podem ser representadas por meio do termo Biblioteconomia Progressista.

2.3 NOVA BIBLIOTECONOMIA

A partir do atual contexto da sociedade contemporânea, o Professor R. David Lankes, diretor da *School of Library and Information Science* da Universidade da Carolina do Sul, nos Estados Unidos, propõe uma nova concepção para o entendimento do que possa vir a ser a Biblioteconomia para os dias de hoje.

Com essa nova perspectiva, David Lankes, ao publicar em 2011, o *Atlas of New Librarianship*, cunha o termo “Nova Biblioteconomia”. Para isso, defende a utilização deste termo, cuja proposta é promover uma reflexão sobre o modo de atuação dos bibliotecários na sociedade contemporânea. No Brasil, a discussão a respeito da Nova Biblioteconomia iniciou-se, a partir da participação de David Lankes no XXVI Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBDD), cujo tema era “Biblioteconomia, ciência e profissão”, ocorrido em julho de 2015.

Em *Atlas of New Librarianship*, David Lankes apresenta o bibliotecário com uma missão a ser desenvolvida no exercício de sua profissão, a saber, o de promover e criar condições para a produção do conhecimento colaborativo, com uma perspectiva crítica e plural pelos membros da comunidade, assim como, a disseminação dessa produção. Dessa forma, a concepção de uma “[...] nova Biblioteconomia nos propõe uma quebra de paradigma das bibliotecas ao trazer a visão de que bibliotecas deveriam ser como comunidades, pensando as pessoas e não os dispositivos que armazenam a informação” (FERREIRA, 2018, p. 56-57).

Este livro se baseia na proposta de que o bibliotecário está encarregado de uma missão: “A missão dos bibliotecários é melhorar a sociedade por meio de facilitar a criação de conhecimento em suas comunidades¹¹” (LANKES, 2011, p. 13, tradução nossa). Com isso, a proposta de Lankes (2011, 2016) está voltada para a promoção do aprendizado e da construção do conhecimento, cujo papel do bibliotecário se faz fundamental, no sentido de estimular e promover melhorias na sociedade através da criação de conhecimento, em conjunto com a comunidade.

Esse é o poder de ser um bibliotecário. Olhar para as pessoas e não como problemas, mas como membros em necessidade - na necessidade de serviços, suporte e, sim, de alfabetização. Mas em última análise, na necessidade de poder. O poder de se sustentar e viver uma vida digna. O poder de criar e aprender, e não simplesmente para sobreviver¹² (LANKES, 2011, p. 80, tradução nossa).

Observa-se, com isso, que a Nova Biblioteconomia que se propõe David Lankes tem como um de seus pontos centrais uma maior atenção às comunidades e a contribuição para o seu empoderamento, por meio de práticas que facilitem e promovam o conhecimento. Contudo, essa perspectiva não se afasta de todo o saber tradicional e milenar consolidado da Biblioteconomia, mas lhe atribui uma relevante função social. Nesse cenário, o uso da palavra comunidade é empregado numa concepção geral e ampla, ou seja, como um grupo de pessoas que se reúnem em torno de um elemento comum. Lankes (2016), entende que

¹¹ “The mission of librarians is to improve society through facilitating knowledge creation in their communities” (LANKES, 2011, p. 13).

¹² “That is the power of being a librarian. To look at people not as problems but as members in need in need of services, support, and, yes, literacy. But ultimately in need of power. The power to support themselves and live dignified lives. The power to create and learn, not simply to survive” (LANKES, 2011, p. 80).

Comunidades são grupos de pessoas que se reúnem em torno de uma variável comum. Essa variável pode ser o local onde vivem, a escola onde estudam, a organização onde trabalham, e por aí vai. Em todos esses casos, supõe-se que os membros de uma comunidade tenham consciência dessa variável e que deliberadamente façam parte dessa comunidade (LANKES, 2016, p. 115).

As bibliotecas, desse modo, têm um papel fundamental no sentido de fornecer um suporte de ajuda e orientação para solucionar os desafios e necessidades da comunidade. Entretanto, além disso, as bibliotecas também podem exercer o seu papel tradicional, ou seja, de documentar e registrar essas práticas e ações, contribuindo, assim, com a disseminação e partilha desses conhecimentos a toda a comunidade. Nesse sentido, Ferreira (2018) salienta que “[...] as bibliotecas devem ressignificar sua atuação e sua “imagem estereotipada”: não se trata de acumular somente o conhecimento registrado, trata-se de apresentar-se como uma plataforma comunitária para a criação e o compartilhamento do conhecimento” (FERREIRA, 2018, p. 58).

Uma das missões das bibliotecas que norteiam o *Atlas of New Librarianship* é o de facilitar a construção do conhecimento. Essa concepção está associada ao desenvolvimento de uma aprendizagem independente, que conforme destaca Ferreira (2018), se caracteriza como o ponto principal para o desenvolvimento da Nova Biblioteconomia, isto é, a relação entre a biblioteca diretamente com sua comunidade. “Exercer uma Nova Biblioteconomia não é uma utopia, é possível. E assim como tantas outras profissões possuem sua responsabilidade social, contribuir com o empoderamento das comunidades por meio da facilitação do conhecimento é atribuição do bibliotecário” (FERREIRA, 2019, p. 6).

Percebe-se, nessa perspectiva, uma Biblioteconomia que esteja atenta a sua parcela de responsabilidade social, contribuindo para o empoderamento das comunidades. Esse processo de empoderamento se estabelece por meio de ações e práticas (tendo em vista o interesse social) que estimulem a produção de conhecimento, e não somente nas práticas dirigidas aos aspectos técnicos (sem refletir sobre a função social de tais processos) de organização e acesso à informação e a preservação de seus registros do conhecimento. Ferreira (2018), destaca que quando as bibliotecas, e, por conseguinte, os profissionais bibliotecários, se voltam exclusivamente para a informação, tendem-se a se concentrar nas coisas quantificáveis e a focalizar o uso dos sistemas pelas pessoas, evidenciando os processos simples de acesso. Com isso, relega-se para segundo plano outros aspectos que possibilitassem maior engajamento e colaboração na construção de um conhecimento significativo ao contexto da comunidade.

Com essa mesma percepção, Araújo (2017), ao abordar os desafios enfrentados pela Biblioteconomia diante das mudanças da sociedade contemporânea, salienta para um novo tipo de atuação profissional da qual emergiria a necessidade de uma nova tarefa, a saber,

[...] a promoção do efetivo uso do conhecimento humano armazenado, organizado e amplamente disponível. Promover esse efetivo uso demandaria uma ação específica por parte da biblioteca e do bibliotecário - ação essa que vem sendo estudada e pesquisada sob a denominação de “mediação da informação”, “mediação bibliotecária” ou ainda “apropriação da informação” (ARAÚJO, 2017, p. 74).

Uma das discussões acerca da atuação do bibliotecário e um possível questionamento acerca da necessidade de se ter um profissional que faça o papel da mediação é posta na sociedade contemporânea. A partir das diversas possibilidades trazidas pelas tecnologias digitais da informação, as pessoas não querem apenas ter suas necessidades informacionais satisfeitas, mas sim, almejam elas próprias produzir, disseminar e compartilhar seus conteúdos.

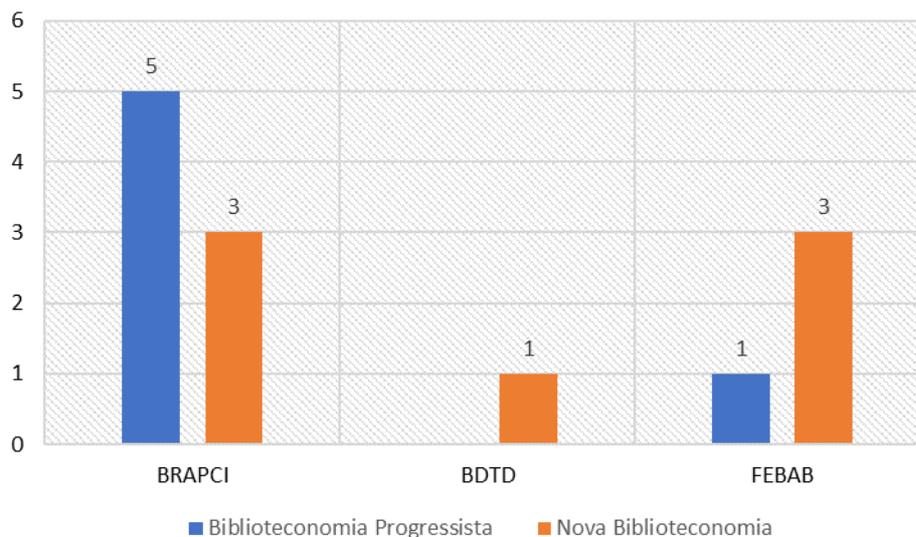
As bibliotecas, portanto, teriam que repensar seu papel e sua utilidade para as comunidades nas quais estão inseridas. Assim, ao atuar como um facilitador do conhecimento, o bibliotecário age no sentido de, não só estar imerso no contexto da comunidade, mas também, fazer parte dela, ser um membro ativo, que por meio de seus conhecimentos e serviços pode contribuir, de forma conjunta, para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. E, as bibliotecas, nessa visão, seriam mais que espaços de guarda, de acesso a conteúdos informacionais e locais para estudo e leitura. Seriam espaços que acolhessem pessoas, suas demandas, necessidades, problemas e, sobretudo, espaços de produção e difusão do conhecimento colaborativo.

3 MAPEAMENTO BIBLIOMÉTRICO DAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

A incidência do termo “Biblioteconomia Progressista” foi observada na base de dados BRAPCI, com recuperação de 7 artigos científicos, dos quais foram selecionados 5 artigos, pois estes demonstraram a ocorrência do referido termo em, no mínimo, um de seus elementos pré-textuais, e os únicos a apresentarem uma abordagem referente à temática da Biblioteconomia com características progressistas. No repositório FEBAB, registrou-se a ocorrência de 1 artigo científico. E na base de dados BDTD, não se observou nenhuma incidência de publicação.

A ocorrência do termo “Nova Biblioteconomia” foi verificada em 3 artigos científicos na base de dados BRAPCI. No repositório FEBAB, percebeu-se a incidência de 3 artigos. E, na base de dados BDTD, recuperou-se 1 dissertação de mestrado. Sendo assim, apresenta-se no Gráfico 1, a quantidade de publicações recuperadas nas três bases de dados, com a ocorrência de cada um dos termos.

Gráfico 1 – Incidência das publicações indexadas nas bases de dados selecionadas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como forma de se visualizar, de modo mais claro, a ocorrência dessas produções científicas, apresenta-se a seguir no Gráfico 2, uma distribuição temporal dessas produções.

Gráfico 2 – Incidência das publicações científicas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Das produções recuperadas e selecionadas para a pesquisa, observa-se que entre o período de 2008 a 2015, não houve nenhuma publicação, em nenhuma das três bases de dados, que adotaram os termos “Biblioteconomia Progressista” e “Nova Biblioteconomia” como indexadores de seus trabalhos. Observa-se que, como visto no capítulo anterior, o termo “Biblioteconomia Progressista”, já vinha sendo utilizado em produções científicas, desde a década de 1930, como aponta Civarello (2013). Contudo, a produção científica nacional, durante o período compreendido não apresentou pesquisas que empregaram esse termo como palavras-chave. Pode-se inferir, a partir disso, que trabalhos científicos que tratassem da temática de uma Biblioteconomia com abordagem progressista, ainda não se utilizaram do termo “Biblioteconomia Progressista” para designar tal temática. Outra possibilidade, é que não houve nesse período produções científicas que abordaram essa temática. Em relação ao termo “Nova Biblioteconomia”, a ausência de produções científicas que utilizaram este termo na indexação, pode ser compreendido pelo fato dessa terminologia ter aparecido recentemente, apenas em 2011, com a publicação de *Atlas of New Librarianship*, de autoria de David Lankes e, portanto, sua utilização em pesquisas nacionais seria percebida nos anos posteriores.

No período entre 2016 a 2021, observa-se a totalidade das publicações, nas referidas bases de dados. O Gráfico 2 demonstra uma tendência crescente de publicações entre os anos de 2016 a 2019, sendo que a maior quantidade de publicações foi em 2019, com 6 publicações. Verifica-se um interesse progressivo pela temática e pelo estudo desses termos que representam uma nova perspectiva para a concepção e prática da Biblioteconomia. Isso também pode caracterizar uma maior preocupação de pesquisadores nacionais em abordar a temática de uma Biblioteconomia que esteja mais engajada socialmente, de modo a promover discussões que propiciem uma reflexão sobre a função social que exercem as bibliotecas e os serviços oferecidos e promovidos por seus profissionais para a sociedade nos dias atuais. A partir dessa visualização das produções em relação ao período de suas respectivas publicações, destaca-se, na sequência, um breve resumo da temática abordada em cada uma delas.

3.1 PUBLICAÇÕES INDEXADAS COM O TERMO BIBLIOTECONOMIA PROGRESSISTA

Com a utilização do termo “Biblioteconomia Progressista”, tem-se a publicação de 6 artigos, sendo os cinco primeiros recuperados na base de dados BRAPCI e o último no repositório FEBAB. A publicação mais recente encontrada é o artigo: “Institucionalização da Biblioteconomia Progressista e Crítica”, de Tanus (2021). A autora aborda por meio de uma pesquisa exploratória, os marcos institucionais associados aos processos de institucionalização social da Biblioteconomia Progressista e Crítica, com o objetivo de identificar esses processos de institucionalização no contexto anglo-saxônico.

O segundo artigo, “Biblioteconomia social, crítica e progressista”, de Tanus e Silva (2019), traz um mapeamento de produções científicas nas bases de dados Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e *Library and Information Science Abstracts* (LISA), com o objetivo de identificar a ocorrência dos termos “Biblioteconomia Social”, Biblioteconomia Progressista” e “Biblioteconomia Crítica”, assim como seus correspondentes em inglês “*Social Librarianship*”, “*Progressive Librarianship*” e “*Critical Librarianship*”. Neste levantamento, observou-se a utilização destes termos nas produções científicas da Biblioteconomia a partir dos anos 2000, de modo a discutir o caráter social, bem como a importância de se afastar de uma base conservadora da área.

Em “Biblioteconomia Progressista: elementos para repensar a formação”, Moraes (2018) trata da formação crítica do profissional bibliotecário como forma de intervir ativamente em seu contexto social. Aborda conceitos da educação progressista como parâmetro para fomentar o senso crítico na formação profissional, de forma a fornecer condições para a atuação de um bibliotecário progressista.

O quarto artigo, “Construções intersubjetivas na prática bibliotecária: reflexões”, um relato de pesquisa de autoria de Castro, Silva e Oliveira (2018), verifica-se uma pesquisa de caráter teórico, com abordagem crítica e interpretativa, sobre a prática intersubjetiva da Biblioteconomia e a ação progressista, com base no pensamento de ação comunicativa de Jürgen Habermas. Destaca a necessidade de ações progressistas dos profissionais como forma de ressignificar os aspectos técnicos da área, de modo a aproximar a Biblioteconomia a uma caracterização mais social.

No quinto artigo recuperado na base de dados BRAPCI, “Entre a censura e a disseminação: uma análise crítica sobre a prática profissional bibliotecária fundada na emancipação de informação e dignidade humana”, as autoras Oliveira e Castro (2017) fazem uma pesquisa teórica e bibliográfica, que tem como objetivo discutir sobre os reflexos da censura na prática profissional do bibliotecário, de modo a proporcionar uma discussão sobre a responsabilidade e comprometimento do social do bibliotecário quando se depara com questões relacionadas à censura, em ações de disseminação da informação.

No artigo recuperado no repositório FEBAB, “Bibliotecári@s Progressist@s: formação e atuação política comprometidas com a garantia de direitos”, publicado na edição 28 do XXVIII CBBB (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação), a autora Silva (2019) apresenta e discute o papel representado pelas instituições de ensino e pelos órgãos de classe na formação intelectual e atuação dos profissionais bibliotecários no campo progressista, de modo a apontar os desafios enfrentados pelos bibliotecários frente a conjuntura atual de retrocessos e ameaças de direitos conquistados.

3.2 PUBLICAÇÕES INDEXADAS COM O TERMO NOVA BIBLIOTECONOMIA

Já com a utilização do termo “Nova Biblioteconomia”, obteve-se a recuperação de 7 produções, sendo os três primeiros na base de dados BRAPCI, os três seguintes no repositório FEBAB e uma dissertação de mestrado na base de dados BDTD. O primeiro artigo da BRAPCI, “Uma nova Biblioteconomia para a sociedade contemporânea”, Ferreira (2019) articula as ideias propostas pela Nova Biblioteconomia, de David Lankester, com o perfil da atual sociedade contemporânea, sob a perspectiva dos conceitos de comunidade e modernidade líquida, de Zygmunt Bauman. Desse modo, relaciona e observa como essa sociedade faz uso da informação e propicia uma reflexão sobre a emergência de uma Nova Biblioteconomia.

“A Nova Biblioteconomia na cidade de Lisboa: estudo de caso sobre a biblioteca pública Orlando Ribeiro”, os autores Cerqueira, Silva e Revez (2019) analisam as novas formas de abordagem das bibliotecas e dos bibliotecários no intuito de promover práticas de visem melhorar a sociedade, no contexto das bibliotecas públicas portuguesas. Realizam um estudo de observação na Biblioteca pública Orlando Ribeiro, de modo a verificar se as

contribuições teóricas da Nova Biblioteconomia são ou podem ser aplicadas à Biblioteca pública Orlando Ribeiro e à realidade portuguesa.

Em “Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos”, Araújo (2017) faz um mapeamento das perspectivas epistemológicas da Biblioteconomia, a partir de questões contemporâneas, como o amplo acesso atual à informação, o desenvolvimento das tecnologias de recuperação da informação e sua utilização pelas bibliotecas e o caráter ativo dos sujeitos diante dos recursos informacionais.

O quarto artigo, recuperado no repositório FEBAB, “Vamos falar de Nova Biblioteconomia?”, publicado na edição 27 do XXVI CBBB (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação), os autores Ferreira e Araújo (2017), apresentam uma discussão inicial das ideias propostas por David Lankes a respeito da Nova Biblioteconomia.

O artigo “Contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes para a atuação do bibliotecário”, publicado na edição 28 do XXVIII CBBB (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação), Ferreira (2019) abordar sobre as novas perspectivas de atuação para o bibliotecário diante das mudanças na sociedade da informação e conhecimento. Sinaliza algumas contribuições propostas pela Nova Biblioteconomia de David Lankes para uma ressignificação de atuação profissional dos bibliotecários, a partir da análise da obra *The Atlas of the New Librarianship*, de Lankes e entrevistas com bibliotecários da cidade de Belo Horizonte.

No sexto artigo, “Gestão de 'makerspaces' de bibliotecas sob a ótica da Nova Biblioteconomia”, artigo publicado na edição 28 do XXVIII CBBB (Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação), os autores Corredor e Valls (2019) discorrem sobre o tema *markerspaces* de bibliotecas, analisando a aplicabilidade das ideias da Nova Biblioteconomia, propostas por David Lankes, à gestão dos espaços das bibliotecas. Destacam que as propostas da Nova Biblioteconomia são compatíveis à gestão de *markespaces* de bibliotecas, pois suas ações têm foco na aprendizagem, com perspectiva democrática e de um instrumental técnico voltado às necessidades da comunidade.

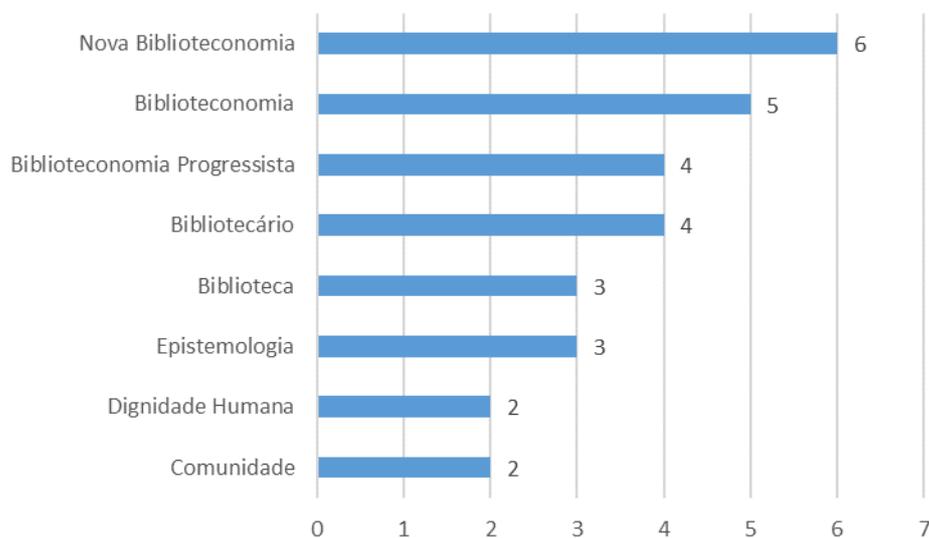
Por fim, recuperou-se na base de dados BDTD, a dissertação de mestrado de Ferreira (2016), “Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades”, em que a autora analisa as transformações ocorridas na Biblioteconomia e qual a percepção de professores e bibliotecários, diante os desafios contemporâneos da área.

Dessa forma, observa-se que as publicações recuperadas, indexadas com ambos os termos, apresentam em suas temáticas aspectos que confirmam uma perspectiva social para o campo da Biblioteconomia. Observa-se temáticas que tocam em pontos como: crítica ao modelo tradicional da área, formação de profissionais com uma perspectiva progressista e responsabilidade social, conscientização e engajamento dos bibliotecários nos contextos sociais de suas bibliotecas, práticas de bibliotecas que visem melhorar a sociedade, educação voltada a autonomia dos usuários para utilização dos recursos informacionais e a importância de trabalho colaborativo com os usuários direcionado às necessidades e interesses da comunidade.

Além dessa exposição da temática abordada dessas 13 produções científicas recuperadas, nas três referidas bases de dados, percebeu-se a presença de 53 palavras-chave. Desse modo, verificou-se a incidência dessas palavras com o intuito de verificar se suas escolhas como palavras-chave representavam o assunto abordado pelos trabalhos científicos.

No Gráfico 3, apresenta-se a incidência das palavras-chave presentes nas produções científicas selecionadas.

Gráfico 3 – Palavras-chave das produções indexadas



Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se, por meio da análise das produções selecionadas, uma preocupação dos pesquisadores em se utilizarem de novas terminologias para a indexação de seus trabalhos científicos, que melhor representem o assunto abordado em suas pesquisas. Apesar de constarmos um baixo número de publicações, nas selecionadas bases de dados nacionais,

que abordam esse assunto, sendo 13 publicações entre o período de 2008 até 2021, nota-se um aumento de publicações, a partir do ano de 2016. Nesse sentido, os termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia, abordados nessa pesquisa, representam essas novas terminologias empregada para representar uma nova perspectiva da Biblioteconomia. Das 13 produções recuperadas, nota-se a presença desses termos como indexadores em 10 publicações, o que corrobora com a hipótese de que o aumento dessas publicações caracteriza uma nova percepção do campo da Biblioteconomia e de uma mudança de postura na atuação profissional de bibliotecários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia Social surge num contexto de emergência do pensamento progressista norte-americano no interior do campo das Ciências da Informação da época. Desse modo, desenvolveu-se uma corrente de pensamento de bibliotecários comprometidos socialmente, isto é, profissionais que trouxeram a discussão da necessidade de apontar para uma perspectiva de Biblioteconomia cuja responsabilidade social fosse percebida e colocada como ponto central das discussões, ou seja, destacaram a importância de uma atuação cujo papel social proporcionasse a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Durante um longo período, até o final do século XIX, a Biblioteconomia se estabeleceu num modelo que privilegiava os procedimentos internos voltados para guarda, preservação, classificação e catalogação de seus documentos, o que acabou contribuindo para uma percepção de uma atuação tecnicista e distanciada da sociedade. Esse modelo tradicional da área, também influenciou uma visão estereotipada do bibliotecário, como um profissional de postura conservadora.

Contudo, pode-se observar, por meio do mapeamento de produções científicas nacionais da área da Biblioteconomia, uma preocupação em abordar questões referentes à missão e ao papel social que uma biblioteca e seus profissionais representam para uma comunidade. Diante disso, pode-se indagar: qual a relevância de termos espaços que acumulem conhecimento e disseminem informações, num contexto de uma sociedade interconectada, que produz seus próprios conteúdos e busca informações em seus dispositivos tecnológicos, de forma autônoma, sem precisarem se locomoverem até um espaço físico detentor do conhecimento e de informações?

Nesse sentido, a temática da Biblioteconomia Progressista e da Nova Biblioteconomia pode contribuir para se refletir sobre essa questão. A proposta abordada por estes termos, aponta para uma nova percepção teórica e de atuação para o campo da Biblioteconomia, de modo a promover um maior engajamento e conscientização dos bibliotecários em relação ao contexto social na qual está inserido, além de uma visão mais ampla quanto aos problemas sociais referentes ao tema da política, da economia, da cultura, da tecnologia e da produção e disseminação da informação. Dessa forma, contribuem para um movimento teórico e prático de profissionais e pesquisadores que abordem uma perspectiva para uma Biblioteconomia mais crítica e comprometida com sua parcela de responsabilidade social, cujas ideias baseiam-se numa atuação progressista e colaborativa com a comunidade.

O breve panorama histórico e conceitual dos termos Biblioteconomia Social, Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia possibilitou uma compreensão, ainda que sucinta, do esforço de bibliotecários de repensar os limites do modelo tradicional da Biblioteconomia. Observa-se que os movimentos adeptos da Biblioteconomia Progressista contribuíram para uma mudança de percepção da área, ainda que essa percepção esteja em processo. Uma percepção fundamentada em uma educação e ações progressistas, como o movimento de bibliotecários norte-americanos da década de 1930 ou o *Manifiesto del colectivo de docentes de Información y Documentación por el compromiso social* defendido, em 2008, por docentes de países da América Latina e Espanha em prol de uma formação que ressaltasse maior conscientização do papel social da atuação do profissional bibliotecário.

Do mesmo modo, os estudos realizados por Shera (1977) sobre a Epistemologia Social permitiram perceber que o conhecimento pode ser construído por meio de interação com o meio social. Assim como as pesquisas de Lindemann (2014), Almeida Junior (2015), Ferreira (2016, 2017, 2018, 2019), Tanus (2018, 2021), Moraes (2018) e Lankes (2007, 2011, 2016) que também ressaltam a importância de conceber a Biblioteconomia com um campo científico comprometido socialmente, de modo a possibilitar que seus profissionais atuem como agentes facilitadores de transformação social.

Com relação às produções recuperadas, observa-se o interesse de pesquisadores, apesar de ainda um número pouco expressivo, em se apropriarem de novas terminologias, na indexação de seus trabalhos científicos, que representem de modo mais adequado uma nova perspectiva para o campo da Biblioteconomia. Vale ressaltar que pesquisas voltadas à temática da Biblioteconomia Social vêm sendo realizadas e outros termos vem sendo

elaborados para melhor representarem essa nova perspectiva da área. Destaca-se algumas dessas outras denominações que representam essa concepção social, salientados nos textos de Civallero (2003), Tanus e Silva (2019) e Tanus (2021): “Biblioteconomia socialmente responsável”, “Biblioteconomia Crítica”, “Biblioteconomia militante”, “Biblioteconomia radical”, “Biblioteconomia anarquista”, “Biblioteconomia ativista”, “Biblioteconomia Feminista”, “Outra Biblioteconomia”, entre outros.

Desse modo, faz-se relevante e necessário a produção de pesquisas que se aprofundem nessa temática, de forma a trazer mais elementos para a discussão a respeito das novas designações que representem um novo jeito de fazer Biblioteconomia. Além de pesquisas que trouxeram os termos Biblioteconomia Progressista e Nova Biblioteconomia como palavras-chave na indexação de suas produções, é importante que novas pesquisas sejam realizadas no sentido de identificar trabalhos que abordem essa temática, mas que, no entanto, não apresentem esses termos como palavras-chave no processo de indexação de suas pesquisas; ou, por outro lado, pesquisas que se utilizam de outras denominações que perfazem a temática da Biblioteconomia Social. Assim, fomenta-se uma discussão para uma renovação de uma nova concepção de Biblioteconomia que esteja mais ligada organicamente com as transformações da sociedade contemporânea, preocupação essa que deve estar presente nos cursos de Biblioteconomia e, como consequência, na atuação do bibliotecário contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Conservadorismo e revolução (ou reformismo) na Biblioteconomia e na Ciência Da Informação. **Divers@!:** Revista Eletrônica Interdisciplinar. Matinhos, PR, v. 8, n. 2, p. 132–144, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/diver.v8i2.45052>. Acesso em: 15 maio 2021.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Biblioteconomia: fundamentos e desafios contemporâneos. **Folha de Rosto:** Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Cariri, CE, v. 3, n. 1, p. 68-79, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/193>. Acesso em: 06 jun. 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência:** por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbara Catani. São Paulo: UNESP, 2004.

CASTRO, J. L.; SILVA, L. E. F.; OLIVEIRA, A. N. Construções intersubjetivas na prática bibliotecária: reflexões. **Informação & Sociedade:** Estudos. João Pessoa, PA, v. 28, n. 2,

2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ies/article/view/37981>. Acesso em 20 set. 2021.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos** [...]. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 20 out. 2021. Online.

CERQUEIRA, Maria Carmo; SILVA, Carlos Guardado da; REVEZ, Jorge. A nova biblioteconomia na cidade de Lisboa: estudo de caso sobre a biblioteca pública Orlando Ribeiro. **Revista Bibliomar**. São Luis, v. 18, n. 1, p. 47-62, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/126434>. Acesso em: 21 set. 2021.

CIVARELLO, Edgardo. Aproximación a la bibliotecología progresista. **El profesional de la información**. Espanha, v. 22, n. 2, p. 155-162, mar. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.3145/epi.2013.mar.10>. Acesso em: 25 abr. 2021.

CORREDOR, Jefferson André de Jesus; VALLS, Valéria Martin. Gestão de “markerspaces” de bibliotecas sob a ótica da Nova Biblioteconomia. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória, ES. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória, ES: FEBAB, 2019. Sigla do evento: CBBB. Tema: Gestão de bibliotecas. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/2310>. Acesso em: 25 set. 2021.

FERREIRA, Emanuelle Georgia Amaral. **Biblioteconomia contemporânea: desafios e realidades**. 2016. Dissertação (Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AV2HH8>. Acesso em 25 set. 2021.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Vamos falar de nova biblioteconomia? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 27., 2017, Fortaleza, CE. **Anais eletrônicos** [...]. Fortaleza, CE: FEBAB, 2017. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1913>. Acesso em: 25 set. 2021.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. Uma nova biblioteconomia para a sociedade contemporânea. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, SC, v. 24, n. 1, p. 50-61, 2018. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1500>. Acesso em: 21 set. 2021.

FERREIRA, Emanuelle Geórgia Amaral. Contribuições da Nova Biblioteconomia de Lankes para a atuação do bibliotecário. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória, ES. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória, ES: FEBAB, 2019. Sigla do evento: CBBB. Tema: Construção e identidade profissional. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/2368/2369>. Acesso em 06 jun. 2021.

FREIRE, Paulo. The Progressive Teacher. *In*: FIGUEIREDO-COWEN, Maria de; GASTALDO, Denise (coord.). **Paulo Freire at the Institute**. London: University of London, cap. 2, p. 17-24. 1995. Disponível em: http://www.acervo.paulofreire.org/bitstream/handle/7891/2571/FPF_OPF_03_009.pdf?sequence=2&isAllowed=y. Acesso em: 01 set. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos da metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LAMAR, Adolfo Ramos. Epistemologia social: possível origem e alguns momentos de seu percurso. **Pro-Posições**. Campinas, SP, v. 18, n. 1 (52), p. 103-113, 2007. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643577/11098>. Acesso em: 25 maio 2021.

LANKES, R. David. **The Atlas of the New Librarianship**. Cambridge: MIT Press, 2011. Disponível em: <https://davidlankes.org/new-librarianship/the-atlas-of-new-librarianship-online/>. Acesso em: 06 set. 2021.

LANKES, R. David. **Expecto more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. Tradução de Jorge do Prado. São Paulo: Febab, 2016.

LANKES, R. David. The Library: the system of systems. **R. DAVID LANKES: Scholar | Speaker | Writer | Teacher | Advocate**, [S.l.], 25 out. 2017. Disponível em: <https://davidlankes.org/the-library-the-system-of-systems/>. Acesso em: 06 set. 2021. Online.

LINDEMANN, Catia Rejane. **A busca pela biblioteconomia social por meio da ciência da informação**. 2014. 60 f. TCC (Graduação em Biblioteconomia) – Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2014. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/6000?show=full>. Acesso em: 29 abr. 2021.

LINDEMANN, Catia Rejane. Biblioteconomia social: as leis de Ranganathan numa biblioteca prisional. In: PRADO, Jorge do (org.). **Ideias emergentes em Biblioteconomia**. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 41-46. Disponível em: <http://www.febab.org.br/febab201603/wp-content/uploads/2016/07/Ideias-Emergentes-Em-Biblioteconomia.pdf>. Acesso em 26 maio 2021.

LINDEMANN, Catia; SPUDEIT, Daniela; CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. Por uma biblioteca mais social: interfaces e perspectivas. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**. Florianópolis, SC, v. 21, n. 22, p. 707-723, ago./nov., 2016. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1211>. Acesso em: 03 maio 2021.

MANIFIESTO del colectivo de docentes de información y documentación por el compromiso social. **Docentes de información y documentación por el compromiso social**, [S.l.], 2008. Disponível em: <http://docentesdocumentacioncompromiso.blogspot.com/2008/11/docentes-de-informacion-y-documentacion.html>. Acesso em: 30 ago. 2021.

MORAES, Marielle Barros de. Biblioteconomia progressista: elementos para repensar a formação. **Folha de Rosto Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [S.l.], v. 4, n. Especial, p. 5–14, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/350>. Acesso em: 21 abr. 2021.

OLIVEIRA, Alessandra Nunes de; CASTRO, Jetur Lima de. Entre a censura e a disseminação: uma análise crítica sobre a prática profissional bibliotecária fundada na emancipação de informação e dignidade humana. **Páginas A&B: arquivos e bibliotecas**, n. 7,

p. 31-50, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/70207>. Acesso em: 20 set. 2021.

PRESSLEY, Lauren. **Social Epistemology in Library and Information Science**. [S.l.], 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/2821850/Social_Epistemology_in_Library_and_information_science. Acesso em: 24 maio 2021.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos em Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010. 178p. (Coleção Biblioteconomia e Gestão de Unidades de Informação. Série Didáticos, 1)

SANTA ANNA, Jorge. Biblioteconomia e sociedade: resgatando o pensamento de Jesse Shera. In: SANTA ANNA, Jorge; SILVA, Edcleyton Bruno Fernandes da; COSTA, Maria Elizabeth de Oliveira (org.). **Biblioteconomia social: possíveis caminhos para construção da cidadania**. Belo Horizonte: ABMG, 2018. cap. 1, p. 14-22. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4601>. Acesso em 29 ago. 2021.

SHERA, Jesse Hauk. Epistemologia social, semântica geral e Biblioteconomia. **Ciência da Informação**. Brasília, v. 6, n. 1, junho, 1977. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/92>. Acesso em 21 abr. 2021.

SILVA, Gilvanedja Ferreira Mendes da. Bibliotecári@s Progressist@s: formação e atuação política comprometidas com a garantia de direitos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28., 2019, Vitória, ES. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória, ES: FEBAB, 2019. Sigla do evento: CBBDD. Tema: O farol do advocacy. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/anais/article/view/2252>. Acesso em: 25 set. 2021.

SOUZA, Francisco das Chagas de. A escola de Biblioteconomia e a ancoragem da profissão de bibliotecário. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 11, n. 2, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/13480>. Acesso em: 21 abr. 2021.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho. **Saberes científicos da biblioteconomia em diálogo com as ciências sociais e humanas**. 2016. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AM2MXF>. Acesso em: 21 abr. 2021.

TANUS, Gabrielle Francinne. A biblioteconomia e a “construção do social”. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**. Medellín, CO, v. 41, n. 2, p. 167–178, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/83682>. Acesso em: 18 maio 2021.

TANUS, Gabrielle Francinne de Souza Carvalho; SILVA, Daniela Cândido da. Biblioteconomia social, crítica e progressista. **Revista Informação na Sociedade Contemporânea**. [S.l.] v. 3, n. 1, p. 1-28, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/18371/12151>. Acesso em 21 abr. 2021.

TANUS, Gabrielle Francinne Souza Carvalho. Institucionalização da Biblioteconomia Progressista e Crítica. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 1-26, 2021. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/109063/64341>. Acesso em: 02 out. 2021.

TARGINO, Maria das Graças. A interdisciplinaridade da Ciência da Informação como área de pesquisa. **Informação & Sociedade: Estudos**. João Pessoa, v.5, n.1, p.12-17, jan./dez. 1995. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/targino-ici-pdf-free.html>. Acesso em 23 maio 2021.

VIEIRA, Keitty Rodrigues; KARPINSKI, Cezar. Jesse Shera e a epistemologia social sob a ótica da escola de Chicago. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., Florianópolis, SC. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis, SC: UFSC, 2019. Sigla do evento: ENANCIB. Tema: – Estudos Históricos e Epistemológicos da Ciência da Informação. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/475/511>. Acesso em: 24 maio 2021.

Social Librarianship in national scientific productions: an approach in indexing with the use of the terms Progressive Librarianship and New Librarianship

Abstract: The scientific productions of Librarianship in the last decades that approach the theme of Social Librarianship are used of new terminologies qualified as Progressive Librarianship and New Librarianship, in the indexing processes to designate a new perception of performance in the area. These productions work in this article whose objective is to identify and map a national scientific production indexed in different databases, which used new terminologies to designate a social approach to librarianship. For this purpose, bibliographic research was adopted, exploratory and qualitative and quantitative in nature, which presents a brief historical and conceptual overview of the terms Social Librarianship, Progressive Librarianship and New Librarianship and a bibliometric survey of national periodic database sources, from publications from 2008 to 2021. Thus, there is a growing number of scientific publications that use new terms to designate a social approach to Library Science. It was found that scientific productions dealing with the theme of social responsibility and the role of libraries in the contemporary world are appropriating new terminology as indexers of their research, demonstrating a change in the attitude of professionals and the field of Library Science.

Keywords: Library Science; Social Librarianship; Progressive Librarianship; New Librarianship; Epistemology.